



A CULTURA PERIFÉRICA NA ESCOLA: O *HIP HOP* COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL¹

Jairo da Silva e Silva

Mestre em Letras – Estudos Linguísticos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, IFPA - Campus Abaetetuba

Email: jairo.silva@ifpa.edu.br

Resumo: Na periferia, são desenvolvidas e praticadas diversas atividades culturais e discursivas, como as realizadas pela Cultura *Hip Hop*, composta pelos agentes *b.boy/breaking* com o *break*, do *MC/rapper* na produção e execução do *rap*, do grafiteiro com o *graffiti* e do *DJ*, na produção musical. Ao concebermos esta cultura como potencialidade educacional, fundamentada na definição de interação social, evidencia-se que há um silenciamento do discurso marginalizado da periferia na escola, em específico, o da cultura *Hip Hop*. A escola como aparelho ideológico do estado, por vezes, silencia as narrativas deste movimento, materializando o preconceito linguístico e cultural. Portanto, o presente estudo tem como objetivo compreender as atividades culturais que envolvem a cultura periférica – especificamente, elementos da cultura *Hip Hop* como prática educativa, realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, IFPA - Campus Abaetetuba. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujos resultados obtidos permitem-nos a compreensão da cultura periférica e suas dinâmicas como práticas de educação intercultural, que buscam a (re)construção dos processos de identidades culturais, um espaço mobilizador e de pertencimento e na produção cultural que é destinada e produzida por seus respectivos pares.

Palavras-Chave: Cultura Periférica. Cultura *Hip Hop*. Educação Intercultural.

Introdução

O presente texto desenvolve uma reflexão sobre as atividades culturais que envolvem a cultura periférica e sua posição nos ambientes educacionais, sobretudo a cultura *Hip Hop*, mais especificamente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Campus Abaetetuba².

Por se tratar dos desdobramentos de um Projeto de Extensão executado no espaço de uma instituição de ensino de educação básica, técnica e tecnológica, localizada na periferia do município de Abaetetuba, e que tem como finalidade desenvolver a cultura periférica a partir de uma prática significativa, uma vez que a Educação Intercultural propõe uma inter-relação

¹ Este trabalho tem sua origem a partir do desenvolvimento do Projeto de Extensão *Hip Hop no IFPA Campus Abaetetuba*, cadastrado na Coordenação Geral de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, IFPA - Campus Abaetetuba, sob a coordenação do autor.

² O IFPA Campus Abaetetuba passou a ser assim denominado a partir da criação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, que cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia por meio da Lei Nº 11.892, de 29 de Dezembro de 2008. **Abaetetuba:** Município da região tocantina (nordeste) do estado do Pará, com cerca de 150 mil habitantes, segundo dados do IBGE/2015 – ver site: <www.ibge.gov.br/>.

Realização



Organização:



(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br
www.fipedbrasil.com.br



entre as culturas praticadas na escola e considera que, muitas vezes, no âmbito escolar, há uma ausência de diálogo que gera tensões entre a cultura oficial e a cultura local.

Para compreender o silenciamento que há em relação à cultura periférica e seus desdobramentos ideológicos na escola, é necessário que pontuemos o ideário de cultura a ser valorizada nas instituições de ensino. Segundo o filósofo francês Louis Althusser, em sua obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (1985)*, a escola é o principal aparelho ideológico de estado capitalista dominante nas formações sociais modernas, pois é ela que forma as forças produtivas para o mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, garante as relações de produção requeridas pelo sistema, serve aos interesses do estado e da classe social dominante. Ou seja, ela está a serviço da manutenção da dominação de uma classe sobre a outra, por meio de um discurso ideológico, alienante, perpetuando em última instância as relações de produção e a distribuição social e econômica desigual.

Enquanto aparelho ideológico, a escola não é um espaço neutro, pois silencia vozes marginalizadas, promovendo assim o preconceito linguístico e cultural, e ao fazê-lo, desconsidera a cultura do outro, sobretudo, de uma grande parcela do alunado, que mantém raízes periféricas. Segundo Fleuri (2003, p.18), a própria educação,

[...] em particular, a escola, tem desempenhado o papel de agenciar a relação entre culturas com poder desigual (colonizadores x colonizados, saber formal escolar x saber informal cotidiano, cultura nacional oficial x culturas locais...) contribuindo para a manutenção e difusão dos saberes mais fortes contra as formas culturais que eram consideradas como limitadas, infantis, erradas, supersticiosas (FLEURI, 2003, p. 18).

A esta maneira, compreende-se que a cultura *Hip Hop* configura-se entre a cultura não oficial, a não erudita, e firma-se na cultura periférica, a local, a marginal. A educação intercultural abre uma possibilidade de contemplar essa cultura, como prática de promoção de uma educação para o reconhecimento do “outro” e para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais.

Sendo assim o objetivo deste estudo é compreender as atividades culturais que envolvem a cultura periférica e o *Hip Hop* como práticas de Educação Intercultural a partir da execução do Projeto de Extensão *Hip Hop* no IFPA Campus Abaetetuba.

A cultura *Hip Hop*: das origens ao Brasil, a Belém e a Abaetetuba-PA

Realização



Organização:





De acordo com Moreira (2009, p. 10), o movimento *Hip Hop* é uma cultura conhecida mundialmente, que apresenta como elementos principais o *b.boy/breaking*, o *rapper/MC*, o *graffiteiro* e o *DJ*. O *break* é a dança que apresenta coreografias quebradas, com muitos passos que surgiram em decorrência de se tentar imitar os feridos em combate na guerra do Vietnã. O *MC* é o responsável pela autoria dos *raps* e por cantá-los. O *graffiti* é considerado as artes plásticas do movimento e o *DJ* é a pessoa responsável pela mixagem dos sons. A combinação dessas manifestações possui um alto teor crítico-social, pois, por meio delas, expressam-se a *performance*, a palavra, a arte e o dinamismo de quatro elementos que se entrelaçam.

Moreira (2009) apresenta o significado das palavras *Hip Hop* respectivamente, como quadril e salto, ou seja, saltar movendo os quadris, característica marcante de um dos elementos desse movimento, a dança *break*. Historicamente, foi na década de 1970 que o movimento *Hip Hop* começou a ser pensado e teve o *DJ Afrika Bambaataa*, como um de seus líderes, e o *Bronx*, em Nova York, como o bairro berço dessa cultura.

Esta cultura não tardou a chegar ao Brasil. Mas devido às peculiaridades das periferias brasileiras, houve uma adaptação do movimento norte-americano ao contexto local. Inicialmente, desde a década de 1970, aconteciam os denominados bailes *black*. Na década seguinte, os futuros integrantes da cultura *Hip Hop* brasileira tiveram como base a influência desses bailes, aliada a divulgação internacional do movimento americano. Esses fatores foram determinantes para alicerçar o *Hip Hop* no país, principalmente em São Paulo, considerado o berço do movimento no Brasil.

Quanto à capital paraense, Belém, de acordo com pesquisa realizada por Borda (2008), o *Hip Hop*, como em quase todo o Brasil, tem início através do *break*, e em 1998, os *b.boys* começam a se reunir primeiro na Praça da República, e posteriormente na Praça Waldemar Henrique.

O surgimento da *Nação da Resistência Periférica, Movimento Hip Hop Organizado do Pará* como a organização de maior expressão dessa cultura em Belém deve-se ao fato desta entidade conter os que podemos assim chamar de "pioneiros" do *Hip Hop* em Belém, pioneiros no sentido de encarar a cultura como algo unido pelos quatro elementos, e de maneira já sistematizada.

O advento da cultura *Hip Hop* no município de Abaetetuba não foi diferente do cenário nacional e da capital paraense; destaque em especial ao *bboy Gordo*, que ao mudar de

Realização



Organização:



(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br
www.fipedbrasil.com.br



Belém para Abaetetuba, nos anos 90, ensinou o *break* para os *bboys* Dony e Mascote, desta forma, os três considerados os pioneiros no município, posteriormente incentivaram jovens moradores da periferia, sobretudo do bairro Francilândia (onde o Instituto Federal do Pará está localizado), a criarem, em 2007, o grupo de dança de rua *Abaeté Crew*, o mais conhecido da região, que por sua vez, influenciou a criação novas *crews* (grupos de dança de rua), inclusive a *crew Abaeté Break*.

O interesse por esta temática surgiu no ano 2014, em uma escola pública estadual, resultante de oficinas que foram ministradas desde o início do ano através do *Projeto Mais Educação*. Com o objetivo de dar continuidade às oficinas ministradas pelos *bboys* do Grupo *Abaeté Crew*, o coordenador do Projeto, Jairo da Silva e Silva, organizou a *Crew Abaeté Break*, com a intenção de aprimorar o conhecimento dos alunos sobre o universo da dança *break*. O organizador, já como servidor do IFPA *Campus* Abaetetuba, deu continuidade ao Projeto, agora como prática extensionista dessa instituição de ensino federal.

Cultura periférica: diálogos entre visibilidade e silenciamento na escola

Dayrell (2005) afirma que a cultura periférica é presente de forma ativa na escola pública brasileira, expressando-se dinamicamente nas vestimentas, na maneira como interagem entre si, e nos diversos movimentos relacionados ao próprio ambiente educacional. Nessa perspectiva, a cultura periférica, caracteriza-se como uma forma de se encarar a realidade e como pode ser entendida, por exemplo, nos valores que circundam em torno da produção cultural que se expressa nas letras de diversos ritmos musicais (*brega*, *pagode*, *funk*, *rap*, etc.) que são considerados pelos sujeitos, no entanto, que parecem ainda ter pouca importância pedagógica para a escola.

A periferia é um espaço de intensa produção cultural, sobretudo, musical, que apresenta variados ritmos e letras que descrevem o dia a dia dos sujeitos que aí vivem. No entanto, por se tratar de um espaço com pouco prestígio social, geralmente estigmatizado, as manifestações artísticas da periferia ainda são entendidas de maneira desqualificada ou até mesmo caracterizada como de pouca qualidade. Essa dinâmica, conseqüentemente, reflete-se no espaço escolar, onde as manifestações culturais dos alunos que aí vivem, sejam vistas negativamente pela escola, desta forma, geralmente, as manifestações culturais desses alunos são invisíveis frente às práticas educativas.

Candau e Anhora (2000) apontam a real necessidade da “incorporação da dimensão

Realização



Organização:





cultural na prática pedagógica” (p. 2), contudo é fundamental atrelar a cultura local à realidade escola. É função de a escola criar meios de significação entre os conteúdos escolares e os conhecimentos já formulados pelos esses alunos.

Portanto, cabe à escola promover a inclusão da cultura no currículo, em sua prática e vivência. Nesta mesma perspectiva, Pérez Gómez (2001, p.17) afirma que o mais conveniente é “considerar a escola como um espaço ecológico de cruzamento de culturas, cuja responsabilidade específica, [...] é a mediação reflexiva daqueles influxos plurais que as diferentes culturas produzem de forma permanente sobre as novas gerações”. A escola dá voz e vez à pluralidade cultural, contribuindo, portanto, com a construção da identidade cultural dos alunos enquanto sujeitos históricos e sociais.

Refletir acerca das culturas periféricas requer pensar o lugar do outro nas práticas educativas. É dever da escola, respeitar e ensinar respeitar todas as manifestações artísticas produzidas nas periferias, pois estas materialidades da cultural local são tão importantes quanto às demais manifestações encontradas em outros espaços. Significar a cultura apenas como a exaltação do que conhecemos como belas artes é reduzir o conceito de cultura, é silenciar as vozes da periferia, local composto por sujeitos históricos e sociais:

Discutir a escola e a diversidade cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, de fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história atores na história (DAYRELL, 2005, p.11).

Desta forma, a escola é responsável pela ampliação do protagonismo dos sujeitos sociais e históricos que a constituem enquanto instituição promotora de cidadania e dignidade.

Considerações Finais

Evidentemente, há uma identidade discursiva (histórica e social) que materializa a cultura periférica, o movimento *Hip Hop* tomado como exemplo possui uma narratividade que é silenciada pela educação formal. A escola, independente da concepção tradicional que se tem sobre educação, é a responsável também pela formação educadora dos sujeitos que constroem a periferia.

Portanto, a escola sendo um aparelho ideológico, valoriza uma cultura em detrimento à

Realização



Organização:





outra. Assim, parece-nos que a periférica é negada, provocando-nos a indagar sobre a função do espaço escolar. Ora, se na escola é pregada a universalização dos saberes, dos dizeres e dos sujeitos, parece que se prestigia algumas concepções homogêneas de cultura, enquanto se silencia a outras. Os sujeitos que não se enquadram, que não se formatam segundo a posição da escola, são os “ilegítimos”. Geralmente, esses, são aqueles que estão “fora dos padrões”, os marginalizados; a narrativa dialógica do *rap* é um nítido exemplo de que há discursos que não se enquadram nas formas padronizadas institucionalmente.

Assim, indagamos: por que, após tantas décadas de práticas educacionais que visam à universalização do saber, ainda temos sujeitos e narrativas que não se enquadram no sistema? Certamente que respostas concretas a essa discussão, não é interesse dos padrões oficialmente instituídos que constituem a educação nacional.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BORDA, Bruno Guilherme dos Santos. **Palavras Sagradas, rimas e experiências: Uma tentativa de compreensão sobre cristianismo pentecostal, rap e antropologia**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; ANHORN, Carmen Teresa Gabriel – **A questão didática e a perspectiva multicultural**: uma articulação necessária. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, 2003.

MOREIRA, Tatiana Aparecida. **A constituição da subjetividade em raps dos Racionais MC's**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

PÉREZ GÓMEZ, Ángel. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Realização



Organização:



(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br

www.fipedbrasil.com.br